**A POÉTICA TRIVIAL DOS SUJEITOS E AS EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS**

Fabiano Soares da Silva, UFF

**Resumo:**

Este trabalho é resultado de uma pesquisa de doutorado interessada nos processos pedagógicos produzidos com os sujeitos das classes populares, em particular, nos territórios de Belford Roxo. Tomou o diálogo com os sujeitos para pensar a produção de conhecimentos, a solidariedade histórica e as lutas cotidianas para tecer fios de saberes comuns a partir de práticas culturais. Conceitos como rugosidade, representificação e experiências educativas, entre outros, estão presentes para refletir os movimentos realizados pelos sujeitos das classes populares. Da escola pública aos diferentes contextos sociais, os processos de ressignificação, experiências e conhecimentos são atravessados nas interações interpessoais. Assim, este trabalho busca apresentar algumas dessas experiências para pensar caminhos possíveis na construção de conhecimento e na reelaboração de práticas que impulsionam movimentos problematizadores e transformadores da realidade.

**Palavras Chaves:** Experiência educativas; Estética trivial; Estudos com o cotidiano; Educação popular.

**Introdução**

Neste trabalho, busquei apresentar alguns movimentos realizados na pesquisa no contexto de Belford Roxo, a partir de práticas culturais problematizadoras de conhecimentos, experiências e ressignificação de sentidos dentro e fora do espaço da escola pública. Busquei enfatizar tais movimentos enquanto processos educativos vividos pelas classes populares na interação de experiências e de saberes que se comunicam. Além disso, foram importantes para refletir sobre os encontros no cotidiano dos sujeitos e as experiências educativas produzidas nas interações e na apropriação de seus territórios para produzir uma vida comum, solidária e altiva.

Partindo da premissa que as *experiências educativas* resultam das heranças culturais, das ações dos sujeitos, das possibilidades narrativas e das compreensões de mundo construídas socialmente, encontrei apoio nos *estudos com o cotidiano* para investigar as práticas culturais dos sujeitos e as experiências de solidariedade. Estas são marcadas por narrativas, memórias, práticas culturais e lutas cotidianas.

Ao investigar os fios deixados pelas experiências educativas, segui as contribuições de Carlo Ginzburg (1989), ao nos propor um olhar atento aos indícios e às marcas deixadas no cotidiano dos sujeitos das classes populares. Isso possibilitou pensar, não apenas, a diferentes trajetórias e práticas culturais, mas também os movimentos educativos que elucidam perspectivas propositivas que fortalecem lutas sociais por direito e impulsionam caminhos representificados de lutas.

Assim sendo, destacarei alguns desses movimentos para pensar uma estética popular procedida do sentir e do comunicar o mundo em que vive, um *sentipensar* que transforma a ação e a reflexão como inéditos viáveis, que nos fala Paulo Freire (2014).

**Uma pesquisa caminhante**

A pesquisa *com* o cotidiano(Garcia, 2003) foi tomada como um dos instrumentos que colaboram na compreensão de um movimento educativo a partir do diálogo e nas relações de conhecimentos produzidos com os sujeitos em seus territórios. Nesse sentido, a proposição assumida foi colaborar para o fortalecimento das lutas cotidianas que constroem fissuras no muro da *cultura do medo* (Freire, 1982) a fim de favorecer práticas libertadoras (Freire, 2014).

Tomando o diálogo como princípio, a pesquisa se aproximou da metodologia que considera a participação com os sujeitos, para avocar conhecimento *com*partilhado e repensar práticas libertadoras. A abordagem metodológica dos *Estudos do Cotidiano da Educação Popular* nos possibilitou refletir sobre as práticas dos sujeitos e seus processos pedagógicos.

Dentre as histórias, narrativas, situações e experiências vividas durante o período da pesquisa em que foram evidenciadas, destaco dois movimentos significativos de tomada da palavra e ressignificação de sentidos. Um que envolve crianças do Ensino Fundamental e outro do esforço de jovens que resolvem construir através da linguagem cinematográfica as diferentes experiências vividas no território.

A primeira experiência é a de uma menina que, após a leitura de seus livros comprados com *voucher* em um evento literário, entrega seus livros à sala de leitura para que outros/as também pudessem os ler, mesmo tendo sido questionada, pois os livros comprados deveriam ser de sua posse. No entanto, a menina reafirma um desejo de partilha das histórias que conheceu. – *Eu quero que todos os meus amigos leiam o que li! E também quero ler o que meus amigos leram também!*

Essa história traz no seu gesto a reflexão sobre o movimento de solidariedade presente nas relações sociais, que, assumindo o contexto em que se faz presente, modifica o lugar do encontro, reconhecendo as rugosidades (Santos, 2020) e demarcando suas experiências como parte do contexto. Há um saber na prática das relações cotidianas e esta exige uma postura solidária para além da disposição dos livros.

Se o livro pode ser um instrumento de comunicação de saberes, este instrumento pode ser reinventado, enredado de outras experiências e partilhado. Desse modo, encontrei a história do menino Isaque. Ele fez o seu instrumento, a partir de saberes que transitam entre e fora do espaço escolar.

Quando o encontrei transitando nos corredores da escola, rabiscando folhas de caderno e transcrevendo alguns textos e ilustrações. Perguntei o que fazia, e um olhar de “até que enfim” pausou a resposta e me estendeu o livro que havia feito com folhas de caderno. Disse que precisava de um grampeador para finalizar o seu livro. Do meu juízo, se desfez a ideia de que era mais um trabalho escolar. Reconheci o livro e, esperando que concluísse o acabamento, estava lá!

Quando perguntado o que tinha lhe motivado, ele respondeu: – *Ah, é sempre entediante. Acordo, como, vou pra escola, durmo, acordo, como, vou para a escola… é muito entediante. Por isso fiz o livro. Foi o primeiro. Demorou três semanas. Tenho que corrigir os erros, mas está aqui. Esse é o primeiro. Aprendi vendo os mangás. Aí resolvi fazer o livro*. A novidade trazida por ele não era só a contradição presente da sociedade opressora que retira as possibilidades de *ser mais* (Freire, 2014, p.45) e acrescenta sobre os sujeitos a repetição alienada, destituída de sentido e desinteresse. Mas, como a história da menina dos livros, a novidade da criação do livro é a afirmação de si enquanto sujeito *pronunciante* (p.108) diante da capacidade de transformação do contexto e a presteza assumida na abertura de *inéditos viáveis*, em resposta às “*situações limites*, que não devem ser tomadas como se fossem barreiras insuperáveis” (p. 125). Essas situações limites correspondem à percepção desses sujeitos em dado momento de suas vidas. A ressignificação do livro como possibilidade de poder dizer a palavra (Brandão, 1982), a leitura de mundo que se repete, a interações entre diferentes saberes e o conhecimento escolar, compreendem-se no reconhecimento como sujeito histórico, criador de cultura, criador de possibilidades de fazer e dizer a palavra.

O segundo movimento é realizado por jovens da cidade que, tomando a palavra, assumiram a comunicação audiovisual para ampliar o pronunciamento de um dizer de si, em relação ao contexto vivido, e as rugosidades presentes em cada parte do corpo e do território que este corpo ocupa. O Cinema de Pedreiro é um movimento criado por jovens da cidade de Belford Roxo, não apenas para comunicar, problematizar, produzir e exibir suas produções, mas para celebrar a vida enquanto encontro existencial.

Não há uma sala de cinema da cidade de Belford Roxo, apesar da história dessa região registrar, pelo menos, dez salas de cinema. Sobretudo, nos bairros de Parque São Bernardo, Lote XV, Areia Branca, Heliópolis, Jardim Gláucia e Centro. A ausência da sala de cinema, hoje, não significa um obstáculo para a produção audiovisual, porém revela possibilidades de interação entre sujeitos, a tomada do direito de poder dizer e construindo redes coletivamente de produção de imagens enquanto releitura do contexto social, das condições sociais vividas e da reconstrução dos sentidos sob uma estética popular presente em cada lugar.

Para além das ausências impostas, política, social e midiaticamente, estas tensionadas na experiência cotidiana como superação e reafirmação da vida. Há também movimentações de sentido que transitam entre os sujeitos que faz mover uma realidade dura, que tanto podem promover rupturas com as práticas de colonialidade (Quijano) que subalterniza sujeitos em detrimentos de outros, quanto deixam expostos os *saberes de experiência feito* (Freire, 2015).

O cotidiano dos sujeitos das classes populares está repleto de saberes produzidos na dinâmica das tensões da vida social, saberes que emergem das astúcias intercambiadas pela cultura na relação com o *território usado*. Com Milton Santos (2007), o *território usado* se constitui como dinâmica da vida social ligada ao “lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida” (p.14). Com isso, compreendo que os modos como as experiências se articulam sob processos históricos, econômicos, políticos e culturais,vão deixando suas marcas nas narrativas testemunhais, no saber que perambula entre os diferentes contextos e situações de vida.

**Considerações**

As contribuições deixadas por Milton Santos (2020), foram fundamentais para compreender, não apenas o movimento das práticas culturais, mas também, para pensar as rugosidades de experiências existentes, o *território usado* constituído de dinâmicas da vida social ligadas ao “lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida” (p.14). Tais movimentos estão ligados aos modos como as experiências se articulam sob processos históricos, econômicos, políticos e culturais, deixando suas marcas nas narrativas testemunhais, no saber que perambula entre os diferentes contextos e situações de vida. São heranças que guardam experiências passadas, narradas nas relações sociais, fortalecendo possibilidades de criação, reflexão e solidariedade.

Este trabalho traz um pequeno recorte de uma pesquisa, diante da intensidade das experiências vividas que as palavras não podem exprimir. No entanto, é um esforço, um convite e uma provocação o olhar atento sobre os processos pedagógicos produzidos pelas classes populares frente às tensões sociais do presente.

As marcas das trajetórias de vida pelos sujeitos, suas diferentes histórias de vida, seus modos de sentir e do lugar de si na interação interpessoal, estão presentes. Sejam atravessadas nas narrativas provocadas pela memória, na interação entre gerações de convivência, seja nas pulsões de vida entremeadas pelas *rugosidades* das experiências educativas visibilizadas em seus contextos.

Refletir sobre as *pedagogias* das classes populares como movimentos de sistematização de experiências, promovendo a interação de saberes entre os diferentes sujeitos, exige da pesquisa o reconhecimento da memória popular e os saberes atuam no contexto das classes populares. Os sujeitos inventam o mundo e, a partir da compreensão de suas interações, vão reinventando caminhos sob impulsos de vida entremeados ao contexto e experiências encharcados da relação trabalho e luta.

Os saberes da experiência que as crianças e os/as jovens trazem para os espaços culturais ou educativos produzem novas redes de relações interculturais; produzem seus afetos; criam *inéditos viávei*s em contraposição à realidade opressora de uma sociedade estratificada e hierarquizada.

Experiências que transitam entre a busca do sentido da escola e a relação dela com a vida; transitam no espaço escolar ou fora dele como rizomas de saberes, de tempos distendidos por cada realidade e por conhecimentos e saberes reelaborados pelas experiências triviais e pelos encontros de vida em busca de novos sentidos.

**Referências**

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Cultura Rebelde: escritos sobre educação popular ontem e agora*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

ESTEBAN, Maria Teresa. “Sujeitos singulares e tramas complexas - desafios cotidianos ao estudo e à pesquisa”. In: GARCIA, Regina Leite (org.). *Método, Métodos e Contramétodo*. Rio de Janeiro: Cortez Editora, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.

GARCIA, Regina Leite. “A difícil arte/ciência de pesquisar com o cotidiano”. In:\_\_\_\_\_\_.(org.). *Método, Métodos e Contramétodo*. Rio de Janeiro: Cortez Editora, 2003.

GINZBURG, Carlos. *Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.